

---

# Viver em Little Portugal

**Discursos sobre identidade entre emigrantes portugueses residentes em Londres**

---

**Alexandra Rosa Ferro**

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

---

OEm Working Papers

04

novembro de 2018

---

Este artigo apresenta as principais conclusões de um estudo sobre os discursos de identidade de migrantes de duas vagas migratórias distintas: uma primeira chegada ao Reino Unido nas décadas de 80 e 90, menos escolarizada e com um modo de incorporação centrado na etnicidade; e outra, chegada depois de 2000, mais jovem e tendencialmente mais escolarizada que rejeita os modos de incorporação da geração anterior. Tem por base entrevistas realizadas a emigrantes portugueses residentes em Londres em 2016.

---

**Palavras-chave** Emigração portuguesa, Londres, identidade.

**Title** Living in Little Portugal: Discourses on the identity of Portuguese emigrants living in London.

**Abstract** This paper presents the main conclusions of a study on migrant identity discourses of two distinct migratory waves: A first wave considers the arrival of Portuguese emigrants into the United Kingdom in the 1980s and 1990s, with a lower level of schooling, and with a mode of incorporation centered on ethnicity; and another, coming after 2000, younger and with higher levels of schooling, that rejects the modes of incorporation of the previous generation. It is based on interviews with Portuguese emigrants living in London in 2016.

**Keywords** Portuguese emigration, London, identity.

Receção: 26 de abril de 2018.

Aprovação: 04 de outubro de 2018.

Nas publicações do OEm usa-se a formatação anglo-saxónica dos números: os milhares são separados por vírgulas e as casas decimais por pontos.

**Observatório da Emigração**

Av. das Forças Armadas, ISCTE-IUL, 1649-026 Lisboa, Portugal

Tel. (CIES-IUL): + 351 210464018

E-mail: [observatorioemigracao@iscte.pt](mailto:observatorioemigracao@iscte.pt)

[www.observatoriodaemigracao.pt](http://www.observatoriodaemigracao.pt)

## Índice

<b>Índice de quadros .....</b>	<b>4</b>
<b>1 Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>2 Portugueses em Londres .....</b>	<b>7</b>
2.1 Continentais <i>versus</i> insulares.....	7
2.2 Estabelecidos <i>versus</i> recém-chegados.....	8
2.3 Emigração tradicional <i>versus</i> nova emigração.....	11
<b>3 Notas finais.....</b>	<b>14</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>15</b>
<b>Anexo: guião de entrevista .....</b>	<b>17</b>

## Índice de quadros

### Quadros

Quadro 1	Registos NINos atribuídos a portugueses, por região de Inglaterra, 2002-2015, 1º trimestre .....	6
Quadro 2	Caracterização dos entrevistados.....	6

## 1 Introdução

A emigração de portugueses para o Reino Unido, não sendo um fenómeno recente, tem ganho maior visibilidade nos últimos anos com a proliferação de estudos sobre a emigração qualificada. Os dados do Observatório da Emigração mostram que o Reino Unido se tornou num dos destinos preferenciais dos portugueses (Pires *et al.*, 2014) e a tendência é para que este crescimento se mantenha.<sup>1</sup> No Reino Unido, os portugueses concentram-se sobretudo na região de Londres (43%) e, em menor número, nas regiões de East of England (13%) e South East (13%) (ver quadro 1).

A grande concentração de portugueses na capital britânica justifica a realização de um estudo na cidade de Londres. Justifica-se, também, comparar duas vagas migratórias em que predominam, como veremos adiante, estratégias de incorporação e discursos identitários bastante díspares, bem como modos diferentes de vivenciar a cidade.

Em Londres, interessou-nos em particular a realidade de Little Portugal, uma região no sul da cidade caracterizada por forte presença de população e comércio portugueses. Ao contrário dos seus congéneres canadianos (Brettell, 1981), o Little Portugal londrino não tem uma delimitação espacial precisa. Mais do que um bairro, podemos caracterizá-lo como uma nuvem (ou nuvens) de pequenos aglomerados de cafés, residências e restaurantes portugueses dispersos. A sua origem está na concessão, pelo governo britânico, de habitações sociais a emigrantes portugueses que mais tarde passaram as suas casas a familiares, contribuindo assim para a concentração e fixação de portugueses nesta região a partir do início dos anos 1990. Seria de esperar que em Little Portugal habitassem sobretudo migrantes que utilizam a sua identidade étnica enquanto modo de incorporação. No entanto, o trabalho de campo que realizámos em Londres,<sup>2</sup> junto da população portuguesa emigrada, mostra-nos a existência de uma complexa teia de discursos sobre identidade que são, muitas vezes, contraditórios entre si.

O presente artigo pretende analisar os discursos sobre identidade entre os portugueses que habitam em Londres, evidenciando a peculiaridade de Little Portugal enquanto símbolo de portugalidade: por um lado, rejeitado pelas gerações mais novas que se querem descolar

---

<sup>1</sup> Este texto é anterior ao Brexit, processo que contrariou a tendência para o crescimento da emigração portuguesa para o Reino Unido (ver **Brexit**, no sítio do Observatório da Emigração) (nota do editor).

<sup>2</sup> No total foram realizadas 15 entrevistas a emigrantes portugueses residentes em Londres, entre 20 de abril e 3 de maio de 2016, no âmbito da dissertação de mestrado da autora (Ferro 2017). Neste artigo são apenas tratados excertos de 11. O guião completo das entrevistas encontra-se em anexo.

dos modos de incorporação dos seus antecessores e, por outro, uma plataforma de incorporação e expressão da identidade étnica. Para tal, foram realizadas entrevistas a portugueses que residem em Londres, dentro e fora de Little Portugal, e que emigraram para este país em vagas migratórias diferentes (ver quadro 2). Os discursos resultantes das entrevistas realizadas foram organizados segundo os binómios “continentais *versus* insulares”, “estabelecidos *versus* recém-chegados” e “emigração tradicional *versus* emigração recente”.

Quadro 1 Registos NINos atribuídos a portugueses, por região de Inglaterra, 2002-2015, 1º trimestre

Região	N	%
Londres	83,741	43.20
East of England	26,644	13.70
South East	25,331	13.10
South West	16,171	8.30
East Midlands	14,792	7.60
North West	11,373	5.90
West Midlands	8,277	4.30
Yorkshire and the Humber	6,136	3.20
North East	1,599	0.8
<b>Total</b>	<b>194,024</b>	<b>100.0</b>

**Nota** NINos: National Insurance Number.

**Fonte** National Statistics, UK Government.

Quadro 2 Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade	Ano de chegada	Setor de atividade
<b>Jovens emigrantes qualificados</b>			
Jorge	31	2007	Banca financeira
Rafael	33	2013	Restauração
João	31	2008	Design e moda
Bárbara	33	2013	Arquitetura
<b>Residentes em Little Portugal</b>			
Ana	43	1990	Restauração e limpezas
Ana Luís	55	1982	Restauração
Carlos	42	2015	Restauração
Pedro	39	1995	Restauração
JC	84	1968	Reformado
AM	31	2007	Comércio
Nuno	31	2016	Restauração

**Fonte** Entrevistas a emigrantes portugueses residentes em Londres realizadas pela autora entre 20 de abril e 3 de maio de 2016.

## 2 Portugueses em Londres

### 2.1 Continentais *versus* insulares

Durante as entrevistas perguntámos aos portugueses qual a nacionalidade dos seus principais amigos e colegas de trabalho, para perceber a composição das suas redes. Mais de que uma vez foi utilizada a expressão “portugueses e madeirenses”. Esta diferenciação foi feita sobretudo pelos emigrantes chegados a Londres nas décadas de 1980 e 1990.

*Costuma ir a Portugal muitas vezes?*

Pedro: Não, não vou a Portugal, vou à Madeira.

Ana Luís: Oh!

Pedro: Então, estou-lhe a dizer que não vou a Portugal, vou à Madeira, de vez em quando.

Ana Luís: Então não vais a Portugal?

Pedro: Mas nos últimos anos onde é que tens ido? À Madeira!

Ana Luís: Às duas.

Pedro: É à Madeira.

Ana Luís: Eu vou-lhe bater [risos].

Além do “nacionalismo de longa distância” (Anderson, 1989) ou do “transnacionalismo” (Basch *et al.*, 1994; Glick-Schiller, 2003; Vertovec, 2009), as diásporas favorecem outros tipos de ligações com o país de origem, como o regionalismo. São vários os estudos que apontam a importância dos laços locais e regionais no transnacionalismo migrante e enquanto motor de (re)produção de ideias sobre identidade (Levitt, 2001; Moya, 2005; Leal, 2014). Percebemos, através das entrevistas e conversas informais, que os emigrantes madeirenses são frequentemente associados a um tipo de emigração (mais) “tradicional”, conservadora e autocentrada em torno da “comunidade”, pelos emigrantes que residem em Londres há menos tempo. Do outro lado, os continentais são estereotipados em torno de uma imagem ativa de snobismo, apresentados como considerando-se “cidadãos de primeira” por oposição aos madeirenses que seriam “cidadãos de segunda”.

Há muita rivalidade entre madeirenses e continentais. Porque há muitos continentais que têm a mania da superioridade, e que nós, madeirenses, somos portugueses de segunda. Eu dou-me mais com os continentais do que com os madeirenses, porque não me identifico com os madeirenses. A maior parte dos meus amigos são continentais, eu não lido com

os madeirenses... nem me identifico com eles [...] as pessoas têm de evoluir. [Ana, 43 anos, em Londres há 26 anos]

## 2.2 Estabelecidos *versus* recém-chegados

Em Little Portugal a antiguidade é um posto. Observámos que a antiguidade da chegada e a formação de laços entre os portugueses estabelecidos contribuiu para a estigmatização dos recém-chegados numa lógica de (des)equilíbrio das relações de poder. Esta estigmatização manifesta-se no medo dos mais velhos em que os recém-chegados arruinem a reputação dos estabelecidos e, conseqüentemente, estes tenham mais dificuldade em aceder a determinados recursos (sociais e laborais). Na entrevista realizada a JC, um português reformado e residente em Londres desde a década de 1980, este fenómeno é bastante perceptível.

Nessa altura tínhamos aqui nem 10,000 portugueses, os ingleses preferiam os portugueses, era tudo sério e trabalhadores e respeitavam as autoridades. Hoje é totalmente diferente... principalmente na nossa comunidade [...] porque o português vem para cá não para trabalhar mas por interesses financeiros. Para a boa vida. Não [são] todos, [são] poucos. Mas estragam a imagem que nós tínhamos antes.

*Acha que existe uma diferença muito grande entre os primeiros emigrantes e os de agora?*

Sim. Como de um dia de sol para uma noite de trovoadas. Mas não todos! Porque o que vem aí agora ultimamente só vem atrás dos benefícios. Tem um grande problema aqui que são as mães solteiras, elas não são solteiras. E se as vão buscar a casa e as apanham ou vão para a cadeia ou têm de desembolsar todo o dinheiro que receberam. [...] Os principais problemas que temos aqui é que vêm para cá pessoas que não têm habilitações nenhuma, umas têm qualificações muito altas e empregam-se nos restaurantes. Outros vêm só à procura da boa vida, e faltam ao respeito às autoridades... [JC, 84 anos, em Londres há 48 anos]

O apoio social do Estado britânico, como referido atrás por JC, foi essencial a muitas famílias de portugueses que se instalaram em Little Portugal, tendo contribuído em larga escala para a concentração que se verifica nesta zona. Atualmente, o processo de obtenção de casa social é muito mais burocrático do que há três décadas. A informação sobre os procedimentos, o preenchimento dos requisitos e formulários e o conhecimento adequado da língua são elementos valiosos para quem pretende aceder a estes apoios. Pelo auxílio ao preenchimento de um formulário, os serviços notariais geridos por portugueses podem chegar a cobrar 20 euros. No caso de se conhecer algum facilitador de contactos, o serviço é gratuito.



Pegando no conceito de “capital social” de Bourdieu enquanto “conjunto de recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações ou de conhecimentos mútuos” (1985, 248), não será excessivo dizer que em Little Portugal os que chegaram há mais tempo ao bairro usufruem de uma rede de contactos oferecendo-lhes facilidade de acesso em diferentes sectores. Tomemos o exemplo do mercado laboral. Numa situação em que o migrante recém-chegado não tem conhecimento da língua inglesa, a mobilização de uma rede de contactos poderá significar o acesso a postos de trabalho ou o auxílio para encontrar habitação. Neste sentido, os portugueses que chegaram a Little Portugal na viragem do século estão numa posição de desvantagem (relativamente ao acesso ao mercado laboral, apoio administrativo, procura de habitação) quando comparados com os emigrantes que chegaram há mais tempo.

As dinâmicas entre os portugueses emigrantes em Londres não são muito diferentes das relações observadas por Elias e Scotson (1994) na pequena localidade de nome fictício Winston Parva. No ensaio teórico sobre as relações de poder entre os estabelecidos e os *outsiders*, Elias destaca as divisões existentes entre os dois grupos de moradores em análise. A força da sociologia de Elias e Scotson vem da sua contribuição para uma teoria geral das relações de poder entre grupos marginalizados e dominantes, dando ênfase à percepção da diferença. Ainda que Winston Parva fosse uma “comunidade” analiticamente homogénea em termos de rendimento, escolaridade e etnia, os seus habitantes construíram diferenças que separavam “privilegiados” de “lesados” de acordo com a sua “antiguidade” na cidade.

Entre Little Portugal e Winston Parva podemos encontrar algumas semelhanças: o grupo dos estabelecidos constrói a sua autoimagem em torno de um ideal exemplar e normativo (o ideal do português trabalhador, cumpridor e respeitador das normas sociais); os recém-chegados são vistos como uma ameaça a esta ordem, não porque tenham qualquer intenção em perturbá-la, mas porque os residentes mais antigos acreditam que a sua chegada irá desprestigiar a sua imagem; e a importância do critério da antiguidade. Mas também encontramos diferenças, sobretudo na autoimagem do grupo dos *outsiders*. Existem dois fatores que contribuem para a manutenção de uma autoimagem menos estigmatizada. Em primeiro lugar as relações entre recém-chegados e estabelecidos em Little Portugal não são tão crispadas como em Winston Parva: apesar dos casuais comentários menos positivos, a estigmatização existente entre os grupos não impede o seu convívio nem origina situações marcadamente discriminatórias. Em segundo lugar, os portugueses que residem no bairro há menos tempo não se consideram inferiores aos que chegaram há mais tempo, tendo amiúde uma opinião marcadamente negativa sobre os estabelecidos, o que está intimamente ligada à diferença geracional entre os dois grupos.

Já vivi aqui [em Stockwell] em casa da minha mãe. É mau, parece que estamos em Portugal. É português a toda a hora, porque a comunidade portuguesa é aqui. É bom, mas depois de estarmos aqui uns anos é mau. Porque a gente veio para Londres para mudar de cultura, mas viemos para o nosso meio, então parece que estamos em Portugal. Torna-se muito família, e depois toda a gente se conhece, e a minha intenção não é viver onde toda a gente vive. Eu até gosto de estar onde estou para não estar no meio da comunidade portuguesa, já trabalho com eles, e ter de viver com eles é um bocadinho... Não posso trocar [de casa] mas por mim não trabalhava nem vivia com eles. [AM, 31 anos, em Londres há 9 anos]

Este discurso aponta para aquilo que consideramos ser a rutura com os laços étnicos como estratégia de incorporação. Perante uma concentração de portugueses já estabelecidos os recém-chegados desenvolvem redes de relações com outros imigrantes e com a própria população autóctone. Aqui, a estratégia de incorporação parece ter uma lógica geracional ou de período de chegada, onde os mais velhos se viram para os portugueses residentes em Londres e os recém-chegados têm uma atitude mais cosmopolita. Esta divisão parece surgir independentemente de se viver ou não em Little Portugal, com as gerações mais novas a evidenciarem o carácter negativo de viverem dentro de redes étnicas, promovendo e fomentando, em contrapartida, contactos multiculturais.

A relação entre recém-chegados e estabelecidos não se resume ao distanciamento dos primeiros em relação aos segundos. Num contexto em que um recém-chegado não tem conhecimento da língua, do mercado de trabalho e da vivência na grande metrópole, Little Portugal apresenta-se como um bote salva-vidas num mar desconhecido. Muitos portugueses recém-chegados têm a sua primeira morada em casa de portugueses estabelecidos e conseguem trabalhos em cafés portugueses, beneficiando desse apoio nos primeiros tempos do seu trajeto migratório.

Estou na casa de uma família que está cá há 30 anos. Tenho amigos que já estão cá há três ou quatro anos... Como comecei logo a trabalhar não me deu para conhecer muito, foi mais dedicar-me ao trabalho logo. [...] Como cheguei há pouco tempo, ainda não estou bem dentro do meio, então... gostava de depois, de mais tarde, quando tivesse mais dentro do meio, de procurar mais na minha área. [Nuno, 31 anos, em Londres há 2 meses]

Indiscutivelmente, para os recém-chegados, a vantagem principal do “bairro” prende-se com as oportunidades de trabalho: viver ou procurar trabalho em Little Portugal permite uma rápida inserção laboral junto dos portugueses quando ainda não existe um domínio da língua inglesa ou perspectivas de inserção no mercado de trabalho do país de acolhimento. Os emigrantes conseguem assim ter um período transitório em serviços direcionados para

ou geridos por portugueses (cafés, restaurantes, hotéis) que antecede a entrada no mercado de trabalho inglês. Porém, apesar do apoio na procura de habitação e trabalho, nem sempre a relação com os estabelecidos corre da melhor maneira.

Foi complicada [a relação com os portugueses]. É muito complicada a comunidade de portugueses aqui, parece que é tal e qual como se estivéssemos em Portugal. Olham só para eles, não olham para mais ninguém e parece que o mundo lhes foge a eles debaixo dos pés. E nesse aspeto tive que me aventurar, sabendo que não tinha quase conhecimentos nenhuns de inglês. [...] Quando cheguei aqui fui-me habituando à cultura dos ingleses, aprendi com os ingleses, só com eles. Já vivi em Stockwell, atualmente não vivo, vivo em Battersea [bairro de Wandsworth]. Fui para Stockwell para entrar aqui entre os portugueses, arranjar trabalho, consegui arranjar casa no meio dos portugueses, mas assim que me consegui livrar dos portugueses eu livro-me deles! [Carlos, 42 anos, em Londres há 1 ano]

Os portugueses chegados há menos tempo adotam aspetos da cultura dominante, que lhes permitem funcionar nos meios socioeconómicos da sociedade do país de origem sem, contudo, renunciarem aos laços étnicos, que acionam de forma racionalizada quando estes lhes trazem mais vantagens. A instrumentalização intercalada entre identidade étnica e identidade cosmopolita remete-nos para a próxima secção deste artigo, onde aplicaremos o modelo de assimilação segmentada desenvolvido por Portes, Haller e Fernández-Kelly (2008), ao caso português.

### **2.3 Emigração tradicional *versus* nova emigração**

A dicotomia emigração tradicional/nova emigração foge aos limites de Little Portugal e alarga-se a todo o espectro de emigrantes entrevistados naquilo que nos parece ser uma lógica geracional. Os novos emigrantes, que não são apenas as camadas mais jovens da população, querem fugir aos estereótipos associados à emigração tradicional portuguesa. Para estes, a vantagem de emigrar para uma cidade grande está exatamente no contacto com a diversidade cultural e cosmopolitismo.

De forma a percebermos a imagem de Little Portugal entre os emigrantes recém-chegados perguntámos aos nossos entrevistados por que razão não foram viver para Stockwell ou Vauxhall. As repostas evidenciam uma tentativa de descolamento da imagem do “típico emigrante português”.

Para começar porque é uma zona bastante feia. Acho que essa seria possivelmente a primeira razão. Também o facto de estar rodeado de portugueses, de certa forma... se eu vim para Londres... para depois ir viver num mini Portugal... estava um bocadinho a perder a experiência. Eu queria um sítio mais multicultural com pessoas de todo o mundo e Stockwell é um bairro português para todos os efeitos. Eu queria fugir um bocadinho a isso. Não por ser português, também por ser português, mas especialmente por ter apenas uma cultura, uma nacionalidade... [Jorge, 31 anos, em Londres há 9 anos]

Observámos uma tentativa de descolagem da imagem do “típico emigrante português”. A geração mais jovem procura retirar o máximo partido da diversidade de Londres, sendo adversa à ideia de pertencer a uma “comunidade” emigrante numa cidade global.

Eu compreendo, compreendo perfeitamente o pessoal que procura a comunidade porque querem estar junto das pessoas que lhes são mais iguais. Mas ao mesmo tempo acho errado [...] acho que é errado fechares-te numa comunidade quando vais para outro país. No meu país eu não gostava quando isso acontecia. [...] Isso incentiva discordâncias e afastamentos. Eu não concordo com isso, não quero fazer parte disso. [Rafael, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio]

Os jovens portugueses adotam uma estratégia de incorporação que não passa pelo recurso à “comunidade” de portugueses, mas pela instrumentalização de uma identidade cosmopolita. Devemos, contudo, evitar generalizações: apesar de termos encontrado discursos sobre padrões de assimilação segmentada junto dos emigrantes portugueses mais jovens e/ou chegados há menos tempo, nada exclui que os seus antecessores não tenham adotado padrões de assimilação semelhante.

Eu não queria ficar única e exclusivamente relacionado com essa... isto vai soar horrivelmente mal..., mas não queria. Imagina: em Roma, sê romano. E eu acho que a experiência de viver cá é podermos realmente estar *under the blanket*, podermos comunicar com outras pessoas. E a sociedade portuguesa de Vauxhall e Stockwell é muito fechada e muito de compadres. E fiquei com um bocadinho de receio de ficar sobre essa asa, de ter um registo português... [João, 31 anos, em Londres há 8 anos]

A tentativa de não ser mais um português entre portugueses em Londres circunscreve-se, como dissemos atrás, numa lógica de assimilação segmentada, termo que Portes cunhou ao referir-se à segunda geração, mas que pode ser adaptado à realidade dos portugueses em Londres (Portes *et al.*, 2008). Dentro do modelo interessam-nos particularmente os conceitos de aculturação dissonante, na qual a “introjeção dos valores e da língua da sociedade anfitriã é acompanhada pela rejeição daqueles trazidos por seus pais e associados”; e de aculturação

seletiva, onde os imigrantes aprendem os costumes e língua do país de origem mas preservam os elementos-chave da cultura parental (Portes *et al.*, 2008: 19). Adaptando o modelo à realidade portuguesa, não falamos de segundas gerações mas sim de primeiras gerações de migrantes que instrumentalizam os seus laços étnicos, alternando entre dois modelos de aculturação. As diferenças entre os modelos de aculturação selecionados pelos migrantes advêm de inúmeros fatores (conhecimento da língua, acesso a um mercado de trabalho multicultural, nível de formação, entre outros) e influenciam a estratégia utilizada por cada indivíduo.

Sou-te sincera, às vezes passo lá [em Little Portugal] e não quero falar português. Porque é mesmo... é essa a imagem que nós ficamos, são tão fechados que não há muito a tirar dali. Estão ali a falar de futebol, pouco mais, não partilham experiências com outras pessoas... obviamente que depois tens portugueses mais abertos e menos com aquela cena de só falarem de Portugal e têm conversas mais diferentes. Mas não te consigo dizer uma conotação que eu tenha das pessoas, obviamente que é tudo diferente. Aqueles emigrantes que estão cá há anos são diferentes de nós, é inevitável. [Bárbara, 33 anos, em Londres há 2 anos e meio]

É importante ressaltar que estes emigrantes mais jovens não renegam os seus laços étnicos, embora o possa parecer numa primeira análise superficial. Se olharmos com atenção para os discursos destes jovens percebemos que a sua *portugalidade* se exprime de modo diferente, adaptado ao contexto de um mundo globalizado.

Tenho saudades como o caracas! Tenho saudades da minha família, tenho saudades dos meus amigos, tenho saudades do meu dia-a-dia lá e tenho saudades da comida, muitas saudades da comida... e do vinho. Costumo ir a Portugal. No primeiro ano em que estive cá fui lá onze vezes. Depois, no segundo ano, só lá fui duas vezes porque estava mais concentrado no trabalho cá e avançar com as coisas cá. Este ano espero ir lá três ou quatro vezes... Duas foi muito pouco. Eu acho que de 3 em 3 meses preciso de ir lá. [Rafael, 33 anos em Londres há 2 anos e meio]

Além das viagens frequentes – uma média de 3 vezes por ano entre os entrevistados – estes emigrantes mantêm laços fortes com o país de origem noutros níveis. Encontramos percursos de emigrantes que vão mensalmente a Portugal em trabalho e que fomentam a relação com o país dentro das suas empresas.

Vou lá em trabalho, tenho lá muitos amigos, tenho lá a minha família toda. A grande maioria da minha família vive em Portugal. E tenho saudades, obviamente. Eu sinto que sou muito português e gosto muito de ser português. Tenho uma relação fortíssima com Portugal. [João, 31 anos, em Londres há 8 anos]

### 3 Notas finais

Os dados relativos aos discursos dos portugueses em Londres apontam para a enorme complexidade das suas conceções identitárias. Importa salientar o claro afastamento, evidenciado através discursos e práticas, da emigração mais recente daquilo que eram os padrões de emigração tradicional. Os recém-chegados procuram distanciar-se do estereótipo do que é “ser português” e este exercício tem implicações nas suas estratégias de incorporação, através do desenvolvimento de redes e espaços de sociabilidade fora de Little Portugal e da adoção de um discurso sobre uma identidade cosmopolita e multicultural.

A qualificação desempenha aqui um papel fundamental pois permite que alguns destes jovens se insiram noutros sectores laborais até então “vedados” aos velhos emigrantes. Como pudemos observar ao longo deste artigo, a segmentação da emigração portuguesa em Londres é bastante complexa – algo que já tinha sido evidenciado por Malheiros (2016) – que referiu que a fragmentação entre emigrantes resulta de uma “muito mais complexa segmentação da emigração portuguesa que contempla distinções profissionais, de qualificação, de regiões de destino/origem, de áreas residenciais, etc.” (Malheiros *et al.*, 2016: 292).

Por outro lado, é interessante verificar a instrumentalização do capital social, por parte dos emigrantes mais velhos, como forma de resposta aos desafios quotidianos, e o modo como a posse de uma rede de contactos dentro do bairro distancia claramente os estabelecidos dos recém-chegados.

## Referências bibliográficas

- Anderson, Benedict (1989), “Long-distance nationalism”, em Benedict Anderson (org.), *The Spectre of Comparisons. Nationalism, Southeast Asia and the World*, Londres e Nova Iorque, Verso, pp. 58-75.
- Basch, Linda et al. (1994), *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*, Basileia, Gordon and Breach.
- Bourdieu, Pierre (1985), “The forms of capital”, em J. G. Richardson (org.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*, Nova Iorque, Greenwood, pp. 241-258.
- Brettell, Caroline (1981), “Is the ethnic community inevitable? A comparison of the settlement patterns of Portuguese immigrants in Toronto and Paris”, em Caroline Brettell (org.), *Anthropology and Migration. Essays on Transnationalism, Ethnicity and Identity*, Walnut Creek, Altamira Press, pp. 109-126.
- Elias, Norbert e John L. Scotson (1994), *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das Relações de Poder a partir de Uma Pequena Comunidade*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Ferro, Alexandra (2017), *Estabelecidos e Recém-Chegados. Complexidades da Emigração Portuguesa em Londres*, tese de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, FCSH-UNL, <https://run.unl.pt/handle/10362/20667>.
- Glick-Schiller, Nina (2003), “The centrality of ethnography in the study of transnational migration: seeing wetland instead of the swamp”, em Nancy Foner (org.), *American Arrivals. Anthropology Engages the New Immigration*, Santa Fe, School of American Research Press, pp. 99-128.
- Leal, João (2014), “What’s (not) in a parade? Nationhood, ethnicity and regionalism in a diasporic context”, *Nations and Nationalism*, 20 (2), pp.200-217.
- Levitt, Peggy (2001), *The Transnational Villagers*, Berkeley, CA, University of California Press.
- Malheiros, Jorge, José Carlos Marques e Pedro Góis (2016), “Geografias, processos migratórios e dinâmicas sociográficas da emigração contemporânea portuguesa: respondendo a algumas questões ...”, em João Peixoto et al. (orgs.), *Regresso ao Futuro. A Nova Emigração e a Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Gradiva, pp. 273-296.
- Moya, Jose (2005), “Immigrants and associations: a global and historical perspective”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 31 (5), 833-864.

- Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo e Ana Cristina Ribeiro (2014),  
*Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração  
e Rede Migra, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL e DGACCP.
- Portes, Alejandro, William Haller e Patricia Fernandez-Kelly (2008), “Filhos de imigrantes  
nos Estados Unidos”, *Tempo Social*, 20 (1), pp. 13-50.



## **Anexo: guião de entrevista**

### **Dados sociodemográficos**

- 1.1 Idade
- 1.2 Género
- 1.3 Formação
- 1.4 Profissão (especificar condições profissionais, tipo de contrato)

### **História migratória**

2. Há quanto tempo está em Londres?
3. Esteve emigrado noutra local antes de vir para cá?
4. Motivos para sair de Portugal e porquê Inglaterra? Como foi parar a Londres?

### **A cidade**

5. Motivos pelos quais escolheu emigrar para Londres.
6. Expetativas sobre a cidade antes de emigrar.
7. Como foram os primeiros tempos? Como foi ver a cidade pela primeira vez?  
O que mais gostou?
8. Visão de Londres hoje.
9. Como é a vivência no “bairro” onde reside?
10. Zonas da cidade que costuma frequentar (Lazer, trabalho, casa).
11. Costuma ir a restaurantes portugueses ou lojas de comércio português? Onde se situam?
12. Por que razão foi ou não viver para Stockwell/ Little Portugal
13. Imagens que tem de Stockwell / Little Portugal

### **Sociabilidade**

14. Qual a nacionalidade dos seus principais amigos?
15. Qual a nacionalidade dos seus colegas de trabalho?
16. Teve algum apoio quando chegou a Londres? De quem? Em que medida?

### **Transnacionalismo**

17. Tipo de relação com Portugal (exemplos: mandas dinheiro, mandam-te comida...)
18. Frequência com que vai a Portugal
19. Retorno (motivos que poderão influenciar o retorno)





# OEm

## Observatório da Emigração

O Observatório da Emigração é uma estrutura técnica e de investigação independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, onde tem a sua sede. Funciona com base numa parceria entre o CIES-IUL, o Centro de Estudos Geográficos (CEG), da Universidade de Lisboa, o Instituto de Sociologia (IS-UP), da Universidade do Porto, e o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (SOCIOUS), da Universidade de Lisboa. Tem um protocolo de cooperação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

---

<b>Série</b>	<i>OEm Working Papers, 4</i>
<b>Título</b>	Viver em Little Portugal: discursos sobre identidade entre emigrantes portugueses residentes em Londres
<b>Autor</b>	Alexandra Rosa Ferro
<b>Editor</b>	Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL
<b>Data</b>	novembro de 2018
<b>ISSN</b>	2183-5438 (online)
<b>DOI</b>	10.15847/CIESOEMWP042018
<b>URI</b>	<a href="http://hdl.handle.net/10071/16782">http://hdl.handle.net/10071/16782</a>

---

**Como citar** Ferro, Alexandra Rosa (2018), "Viver em Little Portugal: discursos sobre identidade entre emigrantes portugueses residentes em Londres", *OEm Working-Paper*, 4, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: 10.15847/CIESOEMWP042018

---

[www.observatorioemigracao.pt](http://www.observatorioemigracao.pt)



### Parceiros



Centro de Estudos Geográficos  
IGOT - UNIVERSIDADE DE LISBOA



### Apoios



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



COMUNIDADES  
PORTUGUESAS